

EDUCAÇÃO BÁSICA E A COMUNICAÇÃO DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19: TRANSFORMAÇÕES E PERMANÊNCIAS NO ENSINO-APRENDIZAGEM

Renata Cristina Freire CORRÊA, (UERJ)¹

Resumo: Durante a pandemia de Covid-19, a interface entre a comunicação e a educação tornou-se central para o processo de ensino-aprendizagem. A pesquisa quer compreender como este contexto vem impactando nessa realidade em relação às articulações entre a educação e as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), tendo como principais referenciais teóricos os estudos de mídia e educação, multiletramentos e cognição. A análise será feita a partir de matérias jornalísticas e entrevistas com educadores e estudantes do Ensino Fundamental II do município do Rio de Janeiro, buscando perceber permanências e transformações nos processos de mediação e adaptações necessárias durante o período pandêmico.

Palavras-chave: Comunicação; Educação; Pandemia.

Abstract/Resumen: During the covid-19 pandemic, the interface between communication and education became central to the teaching-learning process. This research wants to understand how this context has been impacting the articulations between education and Information and Communication Technologies (ICTs), having as main theoretical references the studies of media and education, multiliteracies and cognition. The analysis will be based on journalistic publishings and interviews with educators and students from Elementary School II in the city of Rio de Janeiro, seeking to perceive permanencies and transformations in the mediation and adaptation processes during the pandemic period.

Keywords/Palabras clave: Education. Communication. Pandemic.

INTRODUÇÃO

No presente texto, trataremos de uma pesquisa em curso² cujo objeto será a educação básica e a comunicação no contexto da pandemia de Covid-19. A pesquisa pretende investigar as consequências do período pandêmico no ensino-aprendizagem, no que diz respeito às suas relações com as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC).

Em março de 2020, quando a Organização Mundial de Saúde (OMS) decretou a situação do novo coronavírus como uma pandemia mundial, educadores e estudantes viram o cotidiano de ensino-aprendizagem ser muito alterado pelo isolamento nas cidades brasileiras e em diversas partes do mundo. O ensino remoto acelerou processos que eram mencionados como parte da “educação do futuro” e, por outro lado, explicitou as

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - PPGCOM/UERJ. E-mail: renatacfc@gmail.com

² O artigo aborda uma etapa da pesquisa relativa ao doutorado iniciado no ano de 2021.

desigualdades brasileiras. Matérias jornalísticas abordaram a situação com relatos de alunos que não conseguiam assistir às aulas por não terem acesso à internet; professores que tiveram que aprender como gravar e transmitir suas aulas; iniciativas criativas de educadores e diversas outras situações num país extenso e heterogêneo como o Brasil. Foram adotadas soluções variadas como plataforma digital (com acesso pelo celular ou computador), uso de apostilas, televisão, modelo híbrido, entre outras.

A pandemia de Covid-19 e o ensino remoto impulsionado pelo isolamento trouxeram uma situação que, embora represente um desafio coletivo já que o vírus é uma ameaça comum a todos no planeta, por outro lado, pode ter ampliado abismos preexistentes entre diferentes grupos sociais. Na medida em que as escolas estão passando por um desafio comum a todos (a pandemia e o isolamento) contando com estruturas e estratégias diferentes (no que diz respeito tanto à tecnologia disponível para alunos e professores quanto às competências midiáticas desses grupos), acompanhar esse processo pode enriquecer o debate sobre a educação e as mídias digitais na contemporaneidade.

Num momento de intensas transformações, compreender as especificidades do contexto local pode contribuir para uma maior diversidade de análises no contexto brasileiro, um país heterogêneo, extenso e com profundas desigualdades socioeconômicas que persistem também no que se refere à posse e ao uso de dispositivos tecnológicos. É preciso compreender em que medida essas desigualdades influenciam no cotidiano da educação básica. Além da posse de dispositivo que acesse a Internet, é necessário entender as diversas possibilidades de acesso e as competências midiáticas de educadores e estudantes.

Finalmente, devemos buscar um olhar sobre o processo cognitivo contemplando suas relações com o ambiente e englobando seus fatores sensorio-motores. De uma hora para outra, uma situação emergencial tensionou um modelo escolar que vigorava há séculos³ com relações de tempo-espço que vinham, em geral, se mantendo: corpos em fila, hierarquias, estruturas de sala de aula etc. Se compreendermos que fatores sociais, materiais e relacionais são parte do processo de aprendizagem, quando esses fatores são

3 Reconhecemos que existem diversas outras iniciativas e experiências de modelos escolares diversos. Porém, no presente texto, tematizaremos o modelo de organização escolar majoritário no Brasil com sua estrutura de salas de aula, disciplina, divisões do tempo e organização do espaço.

tão alterados, é importante observarmos as consequências, os obstáculos e/ou as possibilidades dessas transformações.

COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO

O presente projeto se situa na interface dos estudos da comunicação e da educação pois, no contexto da pandemia de Covid-19 e do isolamento, esta mediação tornou-se central para o processo de ensino-aprendizagem. Afinal, foi através das tecnologias de informação e comunicação que as aulas aconteceram e, em alguns casos, ainda estão acontecendo. Assim, mencionaremos alguns conceitos e autores que serão usados como referências na pesquisa, relacionando as transformações das tecnologias de informação e comunicação das últimas décadas à educação e à cognição.

Nas últimas décadas, as grandes transformações nas tecnologias de informação e comunicação geraram uma série de mudanças na forma de viver, trabalhar, se relacionar, buscar conhecimento e aprendizado. O desenvolvimento tecnológico das últimas décadas e suas apropriações foram tema de pesquisa de diversos autores brasileiros e estrangeiros (JOHNSON, 2001; SANTAELLA, 2018; JENKINS, 2009; JENKINS; GREEN; FORD, 2014; GRUSIN, 2015). Com o crescimento da intermediação das relações sociais por dispositivos de comunicação como computadores, *tablets* e especialmente *smartphones*, emergem também uma série de questões comunicacionais relevantes também para o ensino-aprendizagem. Algumas dessas mudanças representam desafios para os processos cognitivos dos usuários, tais como:

- 1) Maior participação em atividades de construção colaborativa de conteúdo e em ambientes de interação social;
- 2) Aumento na quantidade de informações distribuídas em diversas plataformas, exigindo que o usuário atue como um verdadeiro investigador: é necessária uma percepção seletiva acurada para explorar, pinçar e conectar os conteúdos de interesse no meio do excesso e da fragmentação;
- 3) Necessidade de selecionar tarefas e ordená-las devido à sobrecarga de estímulos e demandas;
- 4) Por fim, o estímulo para que se aprenda diversas linguagens, softwares e códigos midiáticos essenciais na cultura digital. (REGIS; MAIA; TIMPONI, 2011, p.2)

Nesse contexto, altamente midiaticizado, são requeridas novas competências cognitivas, saberes, habilidades e atitudes nas práticas de comunicação para que se possa ter uma participação ativa, crítica, responsável e protagonista nesse contexto. Jenkins

(2009), destaca a importância do letramento midiático para a formação de participantes plenos da cultura da convergência:

Precisamos repensar os objetivos da educação midiática, a fim de que jovens possam vir a se considerar produtores e participantes culturais, e não apenas consumidores, críticos ou não. Para atingir esse objetivo, precisamos também de educação midiática para os adultos. (JENKINS, 2009, p. 343)

Nas últimas décadas, pesquisadores diversos se debruçaram sobre questões relativas às interseções entre Comunicação e Educação. Os trabalhos de investigação científica do NCE/USP – Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo com os estudos e projetos de Educomunicação situam esse conceito especificamente nessa interface (Soares, 2011).

Destacamos também os trabalhos desenvolvidos pela Red Interunivesitaria Euroamericana de Investigacion en Competencias Mediáticas para la Ciudadania – Alfamed, composta por países europeus e latino-americanos, inclusive o Brasil, com uma série de pesquisas relativas à discussão sobre a competência midiática no país.

No contexto de convergência de mídias e da sociedade em rede em que estamos inseridos, o estudo sobre a comunicação midiática adquire relevância tanto em termos de consumo e práticas culturais quanto de produção criativa por parte dos indivíduos. Com isso, a educação é desafiada a se comprometer com a formação de indivíduos autônomos, críticos e criativos para se movimentar na cultura midiática, considerando suas perspectivas ética, estética, política, tecnológica e econômica. (BORGES; SILVA, 2019, p.14)

O conceito de literacia midiática abarca as competências relativas ao contexto das novas literacias ou literacias emergentes e deve habilitar o cidadão para o consumo e produção de informações. A literacia midiática tem tido seu estudo sistematizado e apoiado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) com iniciativas relacionadas à educação para as mídias e também tem sido impulsionada por estudos financiados pela Comissão Europeia. No Marco de Avaliação Global da Alfabetização Midiática e Informacional, a Unesco destacou a Alfabetização Midiática e Informacional como uma das “pré-condições do desenvolvimento sustentável e ajudará a garantir que todos se beneficiem da Declaração Universal dos Direitos Humanos particularmente da liberdade de expressão e do acesso à informação.”(UNESCO, 2016).

Os autores espanhóis Ferrés e Piscitelli (2015) destacam a importância de concebermos a educação midiática de maneira ativa, participativa e lúdica. Os autores propõem o conceito de competência midiática a partir da articulação de seis dimensões tanto no âmbito da análise quanto da expressão por meio das mídias. São elas: linguagem, tecnologia, processos de interação, processos de produção e difusão, ideologia e valores e estética.

Na sociedade atual, deter ou não as competências midiáticas pode ser determinante também no que diz respeito às questões da democracia, cidadania e participação. Conhecer a internet e seus códigos, saber buscar, selecionar e ler criticamente as informações, checar a confiabilidade, criar e compartilhar conteúdos digitais são dimensões presentes na prática midiática cada vez mais relevantes para o exercício da cidadania e a vivência democrática. No contexto da pandemia, essas competências também foram determinantes para o direito à educação.

Décadas atrás, a própria alfabetização para Freire (1967) já era um ato político e social, transcendendo o ler e escrever mecânicos para um domínio do código, habilitando o direito ao pensamento sobre o cotidiano, a sociedade, a política e o mundo. Ampliando-se essa ideia para o contexto comunicacional do Século XXI, trabalharemos com o conceito de letramentos listados pela Unesco: letramento midiático, letramento informacional e letramento digital, dando sentido a um campo mais amplo, dos multiletramentos. Pode-se pensar ainda o conceito de letramento para além do ensino formal, já que atualmente outras formas de expressões culturais e midiáticas também fazem parte dos letramentos sociais.

No contexto que antecede à pandemia, o modelo escolar majoritário já se colocava com um modelo em crise, com um certo descompasso em relação à contemporaneidade, uma incompatibilidade entre o contexto tecnológico e comunicacional contemporâneo e a produção de corpos e subjetividades da escola tradicional.

Os fatores que levaram a essa situação são inúmeros e sumamente complexos, mas um caminho para compreender os motivos desse mal-estar consiste em recorrer à sua genealogia. Ao observá-la sob o prisma historiográfico, essa instituição ganha os contornos de uma tecnologia: podemos pensá-la como um dispositivo, uma ferramenta ou intrincado artefato destinado a produzir algo. E não é muito difícil verificar que, aos poucos, essa aparelhagem vai se tornando incompatível com os corpos e as subjetividades das crianças de hoje. A escola seria, então, uma máquina antiquada. Tanto seus componentes quanto seus

modos de funcionamento já não entram facilmente em sintonia com os jovens do século XXI.” (SIBILIA, 2012, p.13)

Especialmente a partir da primeira década do século XXI, essa crise se aguçou. Os corpos e subjetividades requeridas no contexto comunicacional deste século ampliaram essa crise. Os aparelhos móveis de comunicação e informação, a conexão em toda parte e em todo o tempo (ainda que com acesso desigual, como veremos mais à frente) trazem consigo outros “modos de ser” tipicamente contemporâneos e bastante diferentes e desarticulados daqueles produzidos e estimulados pela escola tradicional. As redes simbolizam um modo de vida não restrito aos mesmos limites de tempo-espaco anteriormente vigentes. Por isso, vivemos uma tensão entre um modelo escolar ainda muito vinculado em sua estrutura à “lógica das paredes” (com as paredes, carteiras, o tempo compartimentado, espaços definidos, a hierarquia professor-aluno) e uma lógica de redes que vem permeando as vidas de estudantes e professores em muitos outros contextos.

A chegada da pandemia impactou diretamente neste cotidiano da educação, flexibilizando em alguma medida a estrutura do cotidiano escolar ao longo deste período. Olhar para este momento pode nos dar pistas sobre “se” e “como” a escola pode se reconfigurar diante deste momento. Ou mesmo pode nos apontar que aspectos das relações entre a educação e a comunicação podem estar se redesenhando.

ABORDAGENS SOBRE A COGNIÇÃO

Nas últimas décadas, não houve apenas uma revolução no que diz respeito às tecnologias e às práticas comunicacionais. Para pensarmos a educação contemporânea, é necessário levar em consideração também as transformações acerca do conhecimento sobre o funcionamento da mente humana, sobre como conhecemos o mundo, os outros e a nós mesmos.

Na tradição do pensamento ocidental, a cognição foi abordada primordialmente como um ato exclusivamente racional, centrada nos processos mentais. Assim o mundo físico, o ambiente e os objetos técnicos vinham sendo tratados como fatores secundários para o processo cognitivo. Porém, desde meados do século XX, os estudos sobre o processo cognitivo vêm se complexificando em função do desenvolvimento tecnológico e dos avanços das pesquisas neurobiológicas. Ampliando-se o entendimento sobre o

processo cognitivo, destaca-se que conhecer e atuar no mundo não se trata apenas de uma função racional, unicamente realizada no cérebro. São processos que se dão com a mente, o corpo, as interações sociais e os objetos técnicos. (REGIS, 2010). A concepção de cognição como invenção trabalhada por Kastrup (2007) também estende o conceito para além da mente ou da consciência, integrando o corpo, sua fisiologia, os afetos, a ambiente e a sociabilidade.

Maia, Regis e Timponi (2011) correlacionam algumas práticas da cultura digital contemporânea com modelos de processos cognitivos desenvolvidos por pesquisadores das ciências cognitivas, neurociências e psicologia cognitiva: a cognição integrada, cognição entrelaçada e a cognição distribuída. Utilizando o conceito de cognição “ampliada”, Regis (2010) destaca o repertório de habilidades sensório-motoras, perceptivas, emocionais e sociais demandadas pelas práticas comunicacionais contemporâneas. Assim, segundo essa perspectiva, devemos encarar os dispositivos técnicos não como meras ferramentas ou extensões mas em seu potencial de complexa reconfiguração do processo cognitivo.

Os autores Ferrés e Piscitelli (2012), abordando uma proposta de critérios para definição de competências midiáticas no contexto contemporâneo, chamam a atenção para a insuficiência de pensarmos a educação midiática sem considerar sua dimensão emocional e as mudanças relativas ao nosso conhecimento sobre o funcionamento da mente. Os autores destacam que os estudos de neurociência demonstraram que processos emotivos e não-conscientes influenciam a mente consciente e estes fatores devem ser levados em conta nas discussões acerca da educação e das competências midiáticas.

Entre os educadores há maior predisposição a incorporar as alterações produzidas pela revolução tecnológica aos processos de ensino-aprendizagem do que a assumir as contribuições feitas pela revolução neurobiológica. A neurociência tem mudado muitas convenções mantidas por séculos na cultura ocidental sobre o funcionamento da mente. Através da neurociência somos exortados a mudar para sempre a maneira como pensamos sobre nós mesmos. Na prática educacional, parecemos estar muito dispostos a mudar o nosso pensamento sobre os meios, mas muito pouco em relação à nossa visão sobre nós mesmos como interlocutores desses meios. (FERRÉS e PISCITELLI, 2012, p. 7)

Regis (2020), em concordância com Ferrés e Piscitelli, embasa suas reflexões em pesquisas das neurociências e da psicologia para destacar a necessidade de, ao pensarmos processos de letramento em ambientes midiáticos, considerarmos o conhecimento atual sobre a mente corporificada e associada ao ambiente. Além disso, é

fundamental considerarmos as questões relativas ao afeto no processo cognitivo, em seu caráter corpóreo e relacional.

Para a presente pesquisa, nos parece fundamental pensar nesses fatores não-conscientes e contextuais, considerando os aspectos relacionais, corporificados, tecnológicos, sociais e afetivos da cognição, numa percepção ampliada do processo de ensino-aprendizagem para além da transmissão de conteúdos. Buscaremos portanto nos inserir nas discussões relativas à comunicação e à educação, à luz deste entendimento mais amplo do processo cognitivo.

OLHARES SOBRE A PANDEMIA

No que diz respeito especificamente ao contexto pandêmico e suas consequências para a sociedade de modo mais amplo e especificamente na educação, estamos nos referenciando na recente produção acadêmica sobre o tema. Um evento de impacto mundial com consequências tão variadas vem provocando diversas reflexões (HAN, 2020; HARARI, 2020; MARINS e MACHADO, 2020; PRECIADO, 2020; SANTOS, 2021) que buscam não só compreender o tempo presente (ou alguma de suas complexas dimensões) mas, em diferentes medidas, buscam perceber que permanências e transformações estão sendo apontadas nesse momento ou mesmo mudanças que já vinham em curso em alguma medida mas que foram intensificadas.

Por exemplo, Boaventura de Souza Santos observou que, embora os tempos de pandemia exijam convergência e solidariedade, não é o que vem ocorrendo. O autor apontou, em 2021, uma conjuntura de injustiça vacinal perversa já que nos primeiros meses de produção da vacina, a produção vem sendo majoritariamente destinada aos países ricos do Norte Global. Se observarmos os relatórios produzidos pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância - UNICEF (2021), veremos que as desigualdades apontadas pelo autor também estão presentes no âmbito da educação. Mesmo a pandemia sendo um evento coletivo, ela não vem sendo vivida por todos os estudantes da mesma forma, em função das desigualdades agudas entre os países e entre os diferentes contextos internos do Brasil. Conforme relatório publicado pelo UNICEF, o contexto da pandemia agravou exclusões preexistentes em relação à educação, com especial dificuldade para grupos populacionais mais vulneráveis. Ampliou-se o abismo digital entre quem tem ou

não tem acesso à educação na medida em que, na maior parte dos casos, ter acesso à internet condicionou em larga medida ter acesso às aulas.

Uma outra análise que destacamos trata sobre os imaginários de futuro que vêm sendo gestados neste contexto. As pesquisadoras Rosana Pinheiro-Machado e Cristina Marins (2020) analisaram mais de mil textos publicados nos primeiros dias da pandemia nos principais jornais de países ricos e emergentes, buscando perceber como a mídia tradicional estava forjando um novo indivíduo a partir da ideia no “mundo pós-covid” que viria a ser criado em função da pandemia. Aludindo a Michel Foucault, as autoras salientaram que produzir discursos sobre a realidade é um exercício de poder e, “assim, tudo que é imaginado e descrito na mídia sobre o futuro do mundo resulta, em grande medida, numa forma de intervenção – nada desinteressada – sobre a realidade” (MACHADO e MARINS, 2020).

A análise das matérias coletadas mostrou um cenário de futuros imaginados, onde destaca-se a intensificação das tecnologias digitais e da vigilância, com a ideia de que a segurança sanitária justificaria a perda de privacidade. Destacamos essa análise proposta pelas autoras pois, no caso da pesquisa sobre educação, os debates sobre “educação do futuro” antecedem a pandemia, tanto no que se refere à adoção de tecnologias quanto aos questionamentos sobre os modelos escolares tradicionais. E, numa pesquisa ainda em fase inicial, percebemos que também nas matérias sobre educação, vêm sendo construídos discursos sobre o futuro do ensino-aprendizagem.

No contexto da pandemia de Covid-19, a crise sanitária vem ressignificando o domicílio pessoal que assumiu ainda que provisoriamente o papel de instituições tradicionais de confinamento e normalização como o hospital, a fábrica (ou o escritório), a prisão e o colégio - nosso ponto de interesse no presente projeto. Em muitos casos, se salienta o aspecto tecnológico e a importância crescente do domicílio no processo de isolamento, como é o caso de Preciado (2020) que destaca, inclusive como, em muitos casos, esse espaço também se tornou central para o processo de ensino-aprendizagem. “Já não se trata só de que a casa seja o lugar de confinamento do corpo, como era o caso da gestão da peste. O domicílio pessoal se converteu agora no centro da economia do teleconsumo e da teleprodução.”

Para todos esses aspectos da vida, a dimensão comunicacional foi central na medida em que trabalho, educação e convívio passaram a ser mediados de modo extremo

através das tecnologias de informação e comunicação – o que traz para a pesquisa em comunicação uma série de novas questões ou, no mínimo, novos olhares para questões que já estavam em curso.

Se, por um lado, a ênfase nos processos contemporâneos traz alguns problemas, por outro oferece perspectivas singulares para pensar as relações nas quais estamos agora submergidos. Trata-se de compreender processos humanos – lidos obrigatoriamente numa perspectiva comunicacional – que nos cenários contemporâneos recrudescerão temas e abordagens inovadoras. O mundo da pandemia de Covid-19 enseja reflexões nas quais a perspectiva comunicacional ganha destaque para explicar cenários, práticas e processos ainda como uma miríade de olhares. (BARBOSA, 2021, p.11)

A EDUCAÇÃO NA PANDEMIA

O panorama acima sucintamente demonstra que tempos tão intensos podem gerar diversidade de análises. Embora recentes e ainda em processo, são intensas as mudanças no cotidiano provocadas pela pandemia, ainda que não saibamos quais delas persistirão num cenário futuro. Em seu livro “Notas sobre a pandemia”, o historiador Yuval Noah Harari destaca:

Muitas medidas emergenciais de curto prazo se tornarão parte da nossa vida. Essa é a natureza das emergências: elas aceleram processos históricos. Decisões que em tempos normais demandariam anos de deliberação são aprovados em questão de horas. Tecnologias incipientes e até perigosas são ativadas, pois os riscos de não fazer nada são maiores. Países inteiros assumem o papel de cobaia em experimentos sociais de larga escala. O que acontece quando todo mundo trabalha de casa e se comunica apenas a distância? O que acontece quando escolas e universidades inteiras passam a operar online? Em tempos normais, governos, empresas e autoridades educacionais jamais concordariam e conduzir experimentos. Mas estes não são tempos normais. (HARARI, 2020, p.29)

A pesquisa aqui descrita se propõe a olhar para esse tempo a partir de uma dimensão específica: a educação básica, quando alunos e professores foram desafiados pela necessidade de confinamento e distanciamento provocada pela pandemia. Especificamente no que concerne ao ensino-aprendizagem, as realidades vêm variando no que diz respeito ao “ensino de emergência” ou “ensino de crise” (RICHMOND et al., 2020) despertando reflexões relativas aos diversos caminhos assumidos nos diferentes países. No editorial “The Critical Need for Pause in the Covid-19”, os autores apontam aspectos que vêm se desenhando no ensino-aprendizagem nesse contexto. Destacam os conhecimentos necessários para que o ensino presencial, online e híbrido tenha se

realizado. Além disso, tematizam as transições cognitivas, sociais e emocionais que vêm sendo experimentadas pelos alunos e as diferentes dinâmicas de aprendizagem; além da necessidade de suporte a estudantes e professores nesse processo. Nesse caso, os autores tematizam o cenário norte-americano – o que não invalida as reflexões para nossa pesquisa mas não esgota a temática.

Na heterogênea configuração brasileira diante de suas desigualdades, temos especificidades que devem ser consideradas. Por ser tratar de um evento recente que ainda está sendo vivido, a pesquisa vem considerando a produção de artigos em eventos como o Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação promovido pela Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

Pelos desafios apresentados nesse contexto tanto para os docentes quanto para os alunos, no Congresso promovido pela Intercom, foi tematizado, por exemplo, como no processo de virtualização da prática pedagógica, houve a criação de uma rede de apoio os entre docentes no intuito de partilhar usos de ferramentas digitais para as aulas remotas (BROCHADO, LOBÃO, 2020). Já Pinheiro(2020) propôs uma reflexão inicial sobre os desafios impostos pelo Coronavírus sob o ponto de vista do tripé “Jornalismo, Tecnologia e Educação” e destacou a importância da Alfabetização Midiática para o combate às fake news, além do fortalecimento de práticas de Comunicação e Educação. Em outro artigo, Falcão (2020) buscou refletir sobre as implicações, escolhas e contingências deste momento, analisando cinco artigos escritos por pesquisadores/educadores brasileiros de regiões distintas, buscando olhares sobre o ensino emergencial na pandemia. Também podemos destacar que, nos Anais do Congresso de 2020 e no acompanhamento do evento em 2021, já podemos localizar alguns relatos de experiências locais a respeito do tema como, por exemplo, ARGOLLO et al. (2020) que tematizaram as experiências do projeto de extensão Prisma – Educação para a diversidade, da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), em Ilhéus, Bahia, analisando as relações entre comunicação e educação, seus reflexos no processo de ensino-aprendizagem.

No evento de 2021, no Grupo de Pesquisa “Comunicação e Educação”, foram realizadas apresentações com relatos de caso locais, como a experiência de interação do ensino remoto universitário, de Eliana Nagamini (Fatec) e Maria do Carmo Almeida (Unitau). Já Wellington Nardes, da USP, relatou experiências de Curitiba e São Paulo. E Miranda, Borges e Azevedo (da Unama) destacaram a experiência de uma escola pública

em Belém do Pará. Os relatos demonstraram a diversidade de experiências que compõem este momento. As desigualdades brasileiras, tanto no que diz respeito às estruturas para a educação quanto aos dispositivos tecnológicos e o acesso à internet, vêm gerando vivências heterogêneas de ensino-aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia atinge a todos mas não da mesma maneira e isso não é diferente quando olhamos para a educação. No caso brasileiro, desigualdades persistentes podem estar se ampliando no que diz respeito à educação. Buscar conhecer a produção acadêmica mais recente acerca dessa diversidade é relevante para que, na presente pesquisa, possamos construir mais uma peça neste conjunto.

Conforme mencionado anteriormente, a pesquisa que foi abordada no presente artigo encontra-se em curso e o texto se deteve principalmente no mapeamento de estudos e conceitos relativos à comunicação e à educação, além de temas correlatos pertinentes à investigação em processo. Nas próximas etapas dessa pesquisa, trabalharemos em 3 frentes: o que dizem os números, o que dizem as matérias jornalísticas e o que dizem os protagonistas do ensino-aprendizagem, isto é, educadores e estudantes. Assim, primeiramente caracterizaremos o acesso às tecnologias de informação e comunicação por parte de educadores e estudantes, através de pesquisas quantitativas de fontes oficiais⁴. Além disso, selecionaremos e examinaremos relatos de educadores e estudantes em matérias jornalísticas, durante o período da pandemia⁵. E, finalmente, faremos entrevistas junto a educadores e professores de escolas de Ensino Fundamental II da cidade do Rio de Janeiro, no contexto da pandemia de Covid-19.

4 Nesta etapa, selecionaremos resultados de pesquisas relativas às TIC e à educação para o mapeamento do acesso às tecnologias e à internet por parte de estudantes e educadores. Pretendemos abordar a pesquisa **“Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua - Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal”**: Publicação anual realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Além dela, utilizaremos os relatórios de resultados do “Censo da Educação Básica”, realizado anualmente pelo Ministério da Educação e a “Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil - TIC Kids Online Brasil”: Realizada pelo Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR - NIC.br

5 A princípio, essa pesquisa será realizada principalmente no site da Revista Nova Escola, nos conteúdos do site da Associação de Jornalistas de Educação, além do jornal O Globo.

Nas próximas etapas, buscaremos portanto um olhar concreto que nos permita conhecer melhor a realidade escolar brasileira e assim propor discussões ajustadas a esse contexto, com suas limitações e potenciais. Compreender que competências foram desenvolvidas na urgência dessa situação, que fatores físicos e relacionais fizeram parte desse processo e que inovações foram criadas pode abrir portas para o desenvolvimento de novas metodologias além de auxiliar a caracterizar que tipo de consequências para a educação essa heterogeneidade nas formas de acesso pode gerar.

A pandemia é uma crise que atingiu e atinge o mundo todo mas a realidade vem demonstrando que os impactos não são homogêneos e que, no caso da educação, os desafios e as soluções vêm variando de acordo com os contextos diversos. Observar as diferentes histórias pode ampliar nossa compreensão sobre os desafios colocados para estudantes e professores não só em tempos de pandemia mas também posteriormente, diante de suas consequências.

REFERÊNCIAS

ARGOLLO et al . Comunicação, educação, pandemia e trabalho docente . In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 42., [Anais...] 2020, Virtual.

BARBOSA, Marialva Barbosa; SACRAMENTO, Igor. **Vozes Consoantes: Comunicação e Cultura em Tempos de Pandemia**. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda, 2021.

BORGES, Gabriela; SILVA, Márcia (org.). **Competências midiáticas em cenários brasileiros: interfaces entre comunicação, educação e artes** . Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2019.

BROCHADO, Samara; LOBÃO, Raquel . Caríssimos Membros, as aulas serão remotas: descrição do processo de virtualização de aulas e a rede de solidariedade entre docentes do ensino de educação superior em período pandêmico pela Covid-19 . In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 42., [Anais...] 2020, Virtual.

FALCÃO, Sandra . Comunicação e Educação: variáveis humanas, tecnologia e ensino remoto em contexto de pandemia . In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 42., [Anais...] 2020, Virtual.

FERRARI, Ana Claudia; OCHS, Mariana; MACHADO, Daniela. **Guia da Educação Midiática** – 1.ed. – São Paulo : Instituto Palavra Aberta, 2020.

FERRÉS, J.; PISCITELLI, A. Competência midiática: proposta articulada de dimensões e indicadores. **Lumina**, v. 9, n. 1, 30 jun. 2015 . Disponível em <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/21183>>. Acesso em: 24 de setembro de 2020.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1967.

GRUSIN, Richard. **Radical Mediation. Critical Inquiry**. Vol. 42, n. 1 (Autumm 2015), p. 124-148. The university of Chicago Press. Disponível em: <<https://uwm.edu/english/wp-content/uploads/sites/109/2015/09/Grusin-Radical-Mediation.pdf>>

HAN, Byun-Chul. “O coronavírus de hoje e o mundo de amanhã”. **El País**, 22/03/2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/ideas/2020-03-22/o-coronavirus-de-hoje-e-o-mundo-de-amanhasegundo-o-filosofo-byungchul-han.html>>. Acesso em: 14 de abril de 2021.

HARARI, Yuval Noah. **Notas sobre a pandemia – e breves lições para o mundo pós-coronavírus**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

IBGE . **Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2019** . Rio de Janeiro: IBGE, 2021.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. **Cultura da Conexão: criando valor e significado para a mídia propagável**. São Paulo: Aleph, 2014.

JOHNSON, Steve. **Cultura da Interface: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

KASTRUP, Virginia. **A invenção de si e do mundo: Uma introdução do tempo e do coletivo nos estudos da cognição**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARINS, Cristina; PINHEIRO-MACHADO, Rosana. Futuro Pós-Pandêmico: como a mídia tradicional forja um novo indivíduo. **Revista Piauí**. 9 de outubro de 2020. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/futuropos-pandemico>>. Acesso em: 9 de maio de 2021.

PINHEIRO, Rose Mara . Comunicação e Educação em época de Covid-19: uma reflexão sobre o resgate do diálogo, da gestão democrática e da qualidade jornalística. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 42, [Anais...] 2020, Virtual.

PRECIADO, Paul. “Aprendendo do vírus”. **El País**, 28/03/2020. Disponível em <<http://agbcampinas.com.br/site/2020/paul-b-preciado-aprendendo-com-o-virus/>>. Acesso e: 14 de abril de 2021.

REGIS, Fátima . Letramentos e mídias: sintonizando com corpo, tecnologia e afetos. In: **Contracampo**, Niterói, v 39, n. 2, p. 147-163, ago./nov. 2020.

REGIS, Fátima; MAIA, Alessandra; TIMPONI, Raquel. Cognição Integrada, cognição entrelaçada e cognição distribuída: uma breve discussão sobre modelos cognitivos na cibercultura. In: **ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS**, 20., 14-17 de junho 2011.[Anais...]. Porto Alegre: Universidade Rio Grande do Sul, 2011.

RICHMOND, Gail; CHO, Christine; GALLAGHER, H. Alix; HE, Ye; PETCHAUER, Emery. (2020). **The Critical Need for Pause in the Covid-19 Era**. **Journal of Teacher Education**, 71(4), 375–378. <https://doi.org/10.1177/0022487120938888>. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/0022487120938888#articleCitationDownloadContainer>>. Acesso em: 03 de agosto de 2021

SANTAELLA, Lucia. A educação como antídoto às fake news. **Revista E**, v. ano 25, p. 40-41, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. “Os três cavaleiros da nova peste”. **Outras palavras**, 07/04/2021. Disponível em <<https://outraspalavras.net/crise-civilizatoria/boaventura-os-tres-cavaleiros-da-nova-pestes/>>. Acesso em 07/07/2021

SIBILIA, Paula . **Redes ou Paredes – A escola em tempos de dispersão**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio**. São Paulo: Paulinas, 2011.

UNESCO. **Alfabetização midiática e informacional: diretrizes para a formulação de políticas e estratégias**, 2016, Brasília : UNESCO, Cetic.br, 2016.

UNICEF Brasil, Cenpec Educação . **Cenário da Exclusão Escolar no Brasil - Um alerta sobre os impactos da pandemia da Covid-19 na Educação**. 2021. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/relatorios/cenario-daexclusao-escolar-no-brasil>>. Acesso em 23 de maio de 2021.